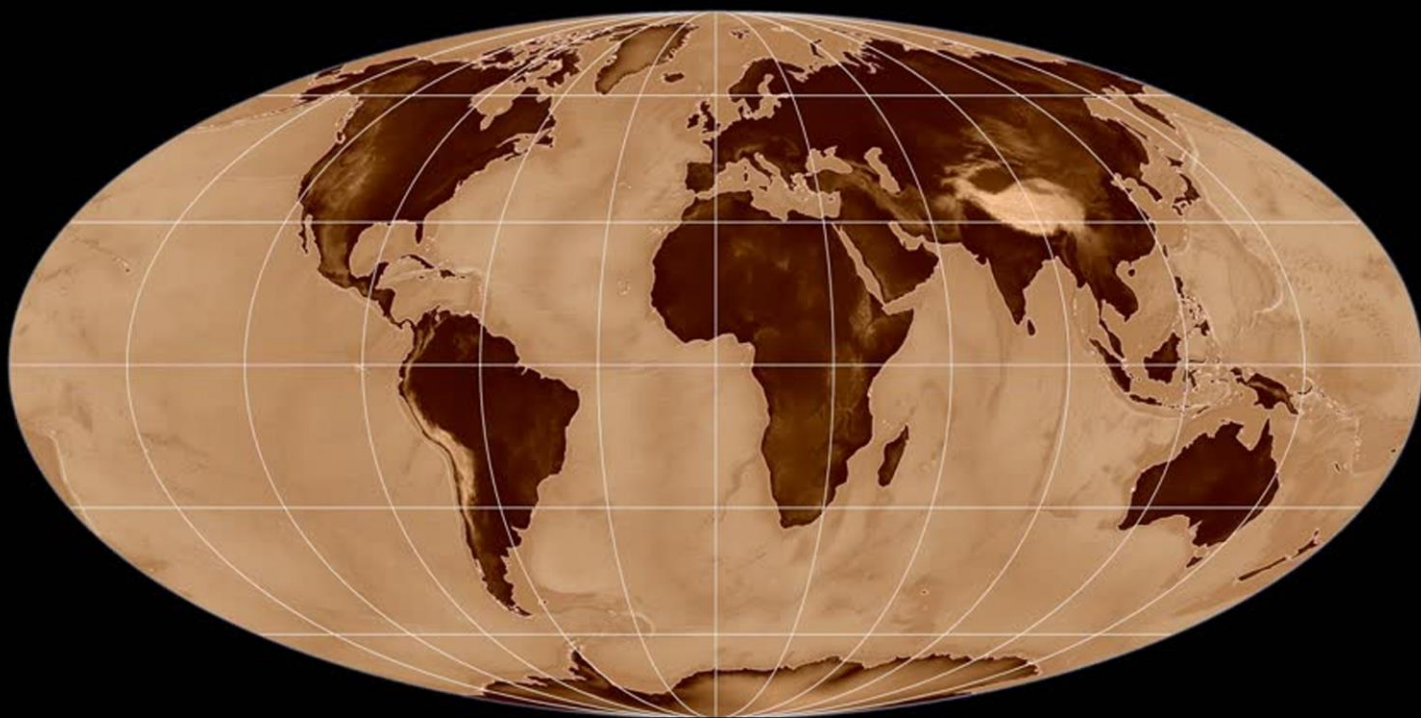


MAPA



E REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE

MAURÍCIO WALDMAN



EDITORA KOTEV
CARTOGRAFIA 1

MAPA E REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

Fato inegável, os mapas foram uma das mais audaciosas, marcantes e engenhosas criações do gênio humano.

De um ponto de vista objetivo, o ato de mapear decorreu da necessidade de superar os sentidos biológicos imediatos no percepção do meio natural e dos espaços que paulatinamente, foram esculpidos pelas coletividades humanas.

Nesta perspectiva, a feitura de mapas contribuiu para que as demandas concretas das sociedades quanto à gestão e exercício do poder sobre o espaço se tornassem fluentes, efetivas e irrevogáveis.

Isto porque os mapas ou cartas ³, enquanto ferramenta que habilita a certificação das localizações numa escala direta, precisa e detalhada, asseguram a intervenção e o monitoramento do variado repertório de fatores que se mesclam ao espaço.

Em sendo assim, *não há como estranhar que bem antes da invenção da escrita, os humanos já se dedicassem à confecção de mapas*. Disto resulta que encontramos peças cartográficas procedentes da aurora dos tempos.

Assevere-se: é perfeitamente possível encontrarmos sociedades que dispensaram a escrita como forma de transmissão do conhecimento. No entanto, não se tem notícia de qualquer grupo humano que tenha descartado o uso de linguagens cartográficas, mesmo que carimbadas como “rústicas” por vertentes conservadoras do pensamento cartográfico.

Nesta linha de abordagem, é possível mencionar o Mapa de Ga-Sur (2.400-2.000 a.C), peça do Período Sargônida encontrada por expedição arqueológica levada a cabo no biênio 1930-1931 nas imediações do sítio ancestral de Kirkuk, urbe localizada no que hoje é o Curdistão iraquiano.

Criação da cultura sumeriana, o Mapa de Ga-Sur foi desenhado num tablete de argila com dimensões de 7 x 8 cm (Figura 1). De modo esquemático, revela o vale irrigado de um grande curso fluvial, presumidamente o Eufrates, regiões montanhosas vizinhas e localizações funcionais.

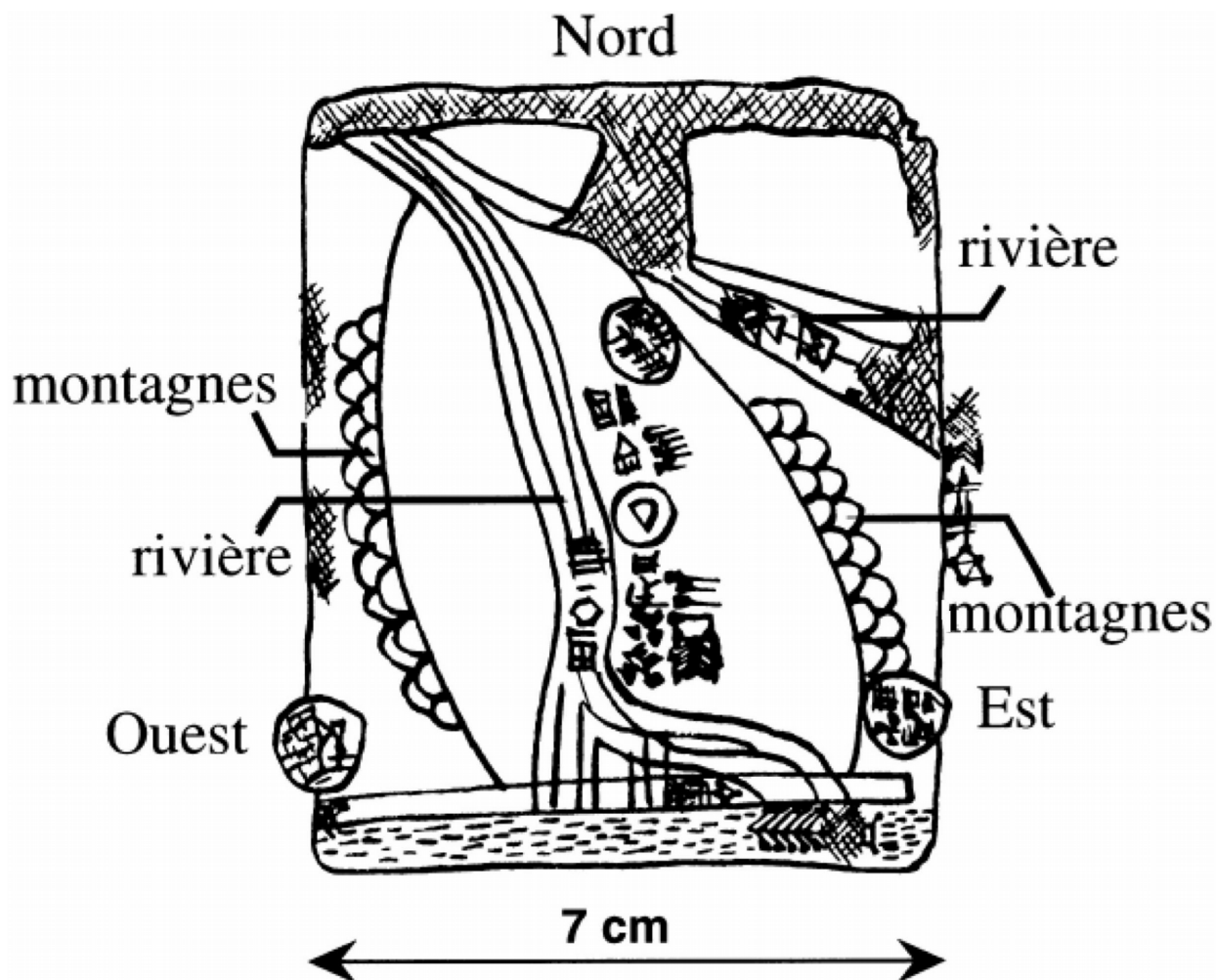


FIGURA 1 - o Mapa de Ga-Sur. Nesta peça, os caracteres cuneiformes fazem breve descrição do espaço habitado. Embora omitindo escala, a representação indica os pontos cardeais básicos: Norte, Sul, Leste e Oeste (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 10-09-2018).

Outro artefato cartográfico de notória antiguidade é a minuciosa gravação rupestre descoberta em 1932 no Norte da Itália, inventariada pelos especialistas como Mapa de Bedolina. Consistindo numa representação topográfica cobrindo um naco de rocha nua com 4,30 x 2,40 metros, o Mapa de Bedolina retrata a ocupação humana numa

seção do Vale de Camonica por uma comunidade pré-histórica no I Milênio a.C., em plena Idade do Ferro europeia.

No petróglifo constam guerreiros, cavaleiros, animais, campos arados, caminhos, edificações e figuras geométricas, uma mostra do nascente controle humano do meio natural (Figura 2).



FIGURA 2 - O Mapa de Bedolina, petróglifo reconhecido como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO. Esculpido num afloramento de arenito xistoso polido pelas chuvas na seção lombarda nos Alpes italianos, a foto registra uma tomada do mapa durante o decalque das inscrições (Fonte: < <http://www.euopreart.net/> >. Acesso: 08-04-2017).

Contudo, note-se que o debate relativo ao “mais antigo dos mapas” é perpassado por contestações, diversionismos e controvérsias. Em especial porque as escavações arqueológicas, assim como os estudos de cartografia histórica, no geral, patrocinados por instituições europeias e norte-americanas, demonstram clara preferência por sítios prestigiados pelo universo acadêmico ocidental, caso do Egito, Oriente Médio e nações ocidentais como a Grécia e a Itália.

Logo, persiste um profundo desconhecimento da produção cartográfica de povos e culturas da África Negra, Ásia Central, Oceania, Extremo Oriente e das Américas, em larga medida compreendendo países relegados à periferia do sistema global.

Isso à revelia da senioridade destas culturas, que lastrearam assentamentos humanos milenários, antecipando-se muito antes da Europa no conhecimento da vida urbana, do comércio, realizado através de vastas malhas de caminhos, e ademais, na atuação de aparatos de Estado, uma fatoraçoão que embalou a irrupção de saberes cartográficos sistematizados em épocas bem recuadas da história.

A título de exemplo, as sociedades tradicionais africanas, séculos antes do contato com os europeus e contestando as narrativas preconceituosas que gravam a África com os estigmas da estagnação e da carência de inventividade, demarcavam linhas de fronteiras entre reinos e regiões, empregavam métricas para percursos e tematizavam cartograficamente múltiplos compartimentos territoriais.

Entenda-se que no continente o poder tradicional recidivamente buscou clarificar a personalidade dos espaços sob sua alçada. Neste sentido, a cartografia tradicional africana lançou mão de padronagens adequadas a um heterogêneo conjunto de contextos, situações e motivações.

Aliás, o mapeamento configurava demanda indissociável do funcionamento da ordem política tradicional, que dependia em grau pronunciado de arranjos com diversificado tecido étnico, articulado com um mosaico de nichos ecológicos heterogêneos, o que impunha uma gestão cuidadosa de recursos de ecossistemas complexos e específicos.

Confirmando este parecer, pode-se argumentar em termos de uma clara identidade territorial de formações políticas seculares como os reinos Mossi, Ruanda, Burundi, Zanzibar, Leshoto, Suazilândia, Marrocos e da Abissínia, cujas fronteiras, buriladas ao longo de gerações, foram inclusive levadas em consideração pelas administrações coloniais europeias e devidamente endossadas pela cartografia ocidental.

Outra ocorrência muito comum foi a confirmação das fronteiras de entidades políticas precedentes ao colonialismo enquanto circunscrições distritais nos espaços então reorganizados pelo colonialismo ocidental.

Assim aconteceu com o Reino Bunioro, incorporado como divisão administrativa no Protetorado de Uganda; com o Reino Bamum, integrado como uma comarca do Protetorado do Kamerun; e com o território da Confederação Ashanti, que se tornou um distrito da Colônia Britânica da Costa do Ouro (atual Gana).

Ademais, sabe-se da existência de múltiplos sistemas de orientação e de rica variedade de peças cartográficas sistematizadas apoiadas em metodologias singulares de aferição e representação do espaço, trabalhos que num bom número de casos, destoam dos esquemas de mapeamento consagrados pelo conhecimento ocidental.

Observe-se do mesmo modo que numa perspectiva temática, funcional e no tocante às formas de elaboração e de utilização, os mapas da Antiguidade eram tão múltiplos quanto diferenciadas foram as culturas e as civilizações, que via de regra, integravam um universo de normas, valores e de posturas firmadas em relações sociais e modos de vida pouco ou nada condizentes com as expectativas que mais tarde, animaram a futura sociedade moderna.

Dado isso, sublinhe-se que a cognição cartográfica dos antigos postulava paramentos ontológicos complexos e específicos, não redutíveis às cartas tais como estas foram engendradas pelo senso comum ocidental. Basicamente por que no mundo moderno, o meio social está sob o comando de prefigurações eminentemente racionalizantes, que não eram, em absoluto, axiais para as sociedades tradicionais, pelo que, os mapas antigos endossavam outras volições cartográficas.

Numa escopo mais amplo, uma história relativa às informações sobre o espaço não teria como dispensar a vasta literatura relacionada a mapas empossados de averbações *topo-lógicas*, e não *carto-gráficas*, respondendo por mapografias pouco tocadas por pendores tecnicistas, respondendo, no essencial, a modalidades sensíveis de percepção do espaço.

Nesta linha de compreensão, despontariam então mapas catalogados como *cognitivos*, *sensíveis*, *cosmológicos*, *topológicos*, *mnemônicos*, *míticos*, *cartas simbólicas*, *orais ou mentais*, cujos nexos de representação espacial reclamam, para um entendimento efetivo, pareceres do campo da ciência da religião, da antropologia, da psicologia, da história oral e da filosofia.

Nas sociedades de outrora, a percepção do espaço habitado estava sob comando de premissas cosmológicas atinentes, por exemplo, à origem do mundo e aos vínculos mantidos pelas genealogias com a ancestralidade, respaldando-se em narrativas de fundo mítico que refletiam e consolidavam um senso de pertencimento às linhagens e ao território, comuns a muitas culturas pré-modernas, e como tal, registradas nas suas peças cartográficas (Figura 3).

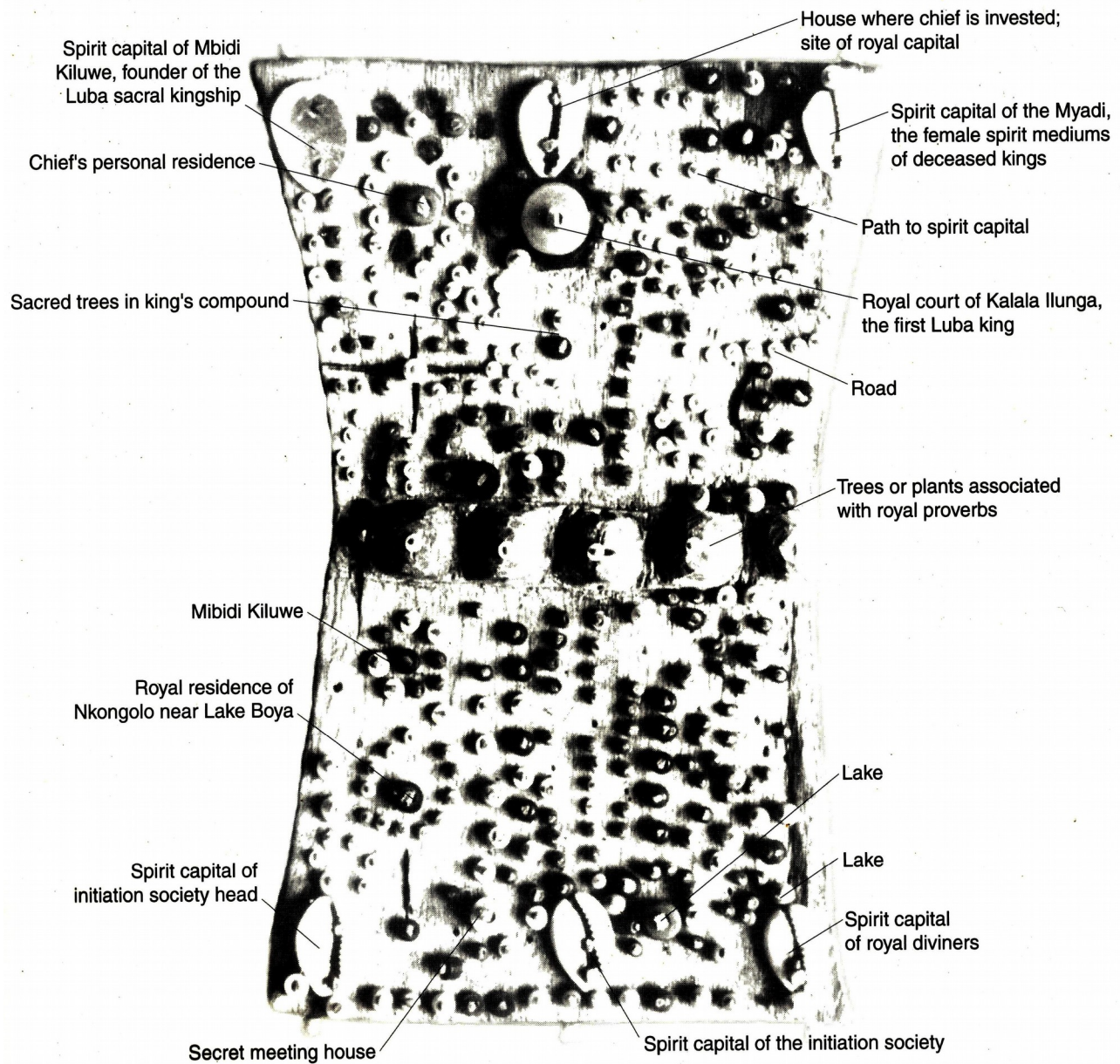


FIGURA 3 - Mapa confeccionado em placa de argila representando o Reino Luba, dantes detendo senhorio sobre as vastidões meridionais da atual República Democrática do Congo. Moradas de espíritos, árvores sagradas, câmaras de iniciação e plotagens cerimoniais da corte Luba, estão incorporados ao mapa (Fonte: WOODWARD et LEWIS, 1998: 33).

Entenda-se então que a alegação de um suposto “analfabetismo cartográfico” do homem tradicional é inverídica, aferição válida para a totalidade dos povos e culturas

submetidos pelo Ocidente, que pelo contrário, foram responsáveis pela produção de cartas de todos os tipos.

Para arrematar, retenha-se que a despeito de muitas avaliações da cartografia europeia estigmatizarem a produção cartográfica dos povos extra-europeus como “grosseiras”, “primitivas” ou “atrasadas”, foi justamente a apropriação do cabedal destes saberes pelo Ocidente que azeitou a confecção da mapografia referente aos “países coloniais”.

Em última análise, isto significa que a informação cartográfica tradicional, solenemente resguardada pelos povos não-ocidentais, terminou ironicamente arregimentada para submetê-los e colocá-los sob o tácio do colonialismo (Figura 4).



FIGURA 4 - Mapa representando o Reino Bamum, que controlava as regiões planálticas meridionais da atual República do Camarões, elaborado no início do Século XX com base em informações de fundo étnico por Njoya (1860-1933), mandatário real do Bamum. Esta peça, cujos dados calçaram a dominação europeia do país, foi elaborada em tinta sobre papel de fabrico local, sendo uma das poucas que sobreviveram à destruição premeditada da cartografia Bamum pela administração colonial (Fonte: WOODWARD et LEWIS, 1998: 44).

Na sequência, de vez que a cartografia volta-se, em qualquer tempo e sociedade, para representar dados espaciais em mapas, cabe por outro lado admoestar o quanto a inserção de informações no mapeamento acata determinações que, ao contrário do que geralmente é imaginado, não admite considerá-los enquanto uma simples “cópia” do espaço habitado.

Certo é, a construção de um mapa encontra assento na materialidade territorial. Não obstante, este afazer incorpora em igual medida marcante ascendência de sansões históricas, políticas e socioculturais, tão ou mais importantes quanto as interfaces concretas das cartas.

Em suma: a produção cartográfica também ocorre guiada por gostos, premeditações e afetações imaginárias, nem sempre evidentes para os leitores e consulentes das cartas. Neste prisma, é por demais evidente que os mapas inserem a vocação de educar o olhar de quem os consultam, direcionando assim a forma como o mundo é observado, naturalizando e valorizando determinada arena territorial. Confira-se que:

“Os mapas representam a realidade, *mas não são a realidade*, porque, para manter sua funcionalidade, precisam ser distorcidos, o que exige do cartógrafo uma escolha e reflexão dos fundamentos sociais e políticos de seu conhecimento [...]. A representação cartográfica do mundo não é objetiva nem neutra, *mas cria visões do mundo*” (SEEMANN, 2003: 7, *grifos nossos*).

Neste senso, o que é registrado pelos *map-makers* (fazedores de mapas), está em sintonia, e jamais em contradição, com ideações e anseios imiscuídos a ambientes políticos, sociais, históricos e culturais particulares.

Deste modo, a pauta, a modelagem dos tópicos e as informações destacadas nas cartas oscilam e diferem de modo considerável, condicionados pelas aspirações das classes sociais, por metas de grupos políticos e veleidades de cada civilização.

Mais ainda, repetidamente os mapas retratam a visão dos grupos sociais postados na condição de mando, que exatamente por exercerem hegemonia, desfrutam da prerrogativa de impor uma acepção do espaço condizente com a agenda que reflete suas expectativas.

Pari passu, de modo articulado ou não com o campo político, os aspectos da cultura dos povos, grupos e nações também influenciam extraordinariamente na mediação com que os dados registrados nos mapas ingressam na configuração exibida pelas peças cartográficas.

Por isso mesmo, um mesmo espaço de referência pode gerar produtos imagéticos absolutamente diferentes em face de um leque de conceitos, cosmovisões e alegorias, que filtram a interpretação do espaço habitado.

Cabe atinar que na apreensão imaginária do espaço, a visão de mundo transcende a realidade objetiva e com frequência, a interpreta com base em paradigmas idealizados fortemente alojados no universo cultural, primeiramente transitando no plano da consciência social para num segundo momento, serem referendados pela cartografia (Figura 5).

Diante disso, as ideações oriundas do imaginário, ao cumprirem destacado papel na maneira como os homens pensam e se relacionam com a dimensão do espaço, transformam os mapas em construções marcadamente idiossincráticas, que por esta via, podem igualmente incorporar a ideologia como paramento fundamental.

Com base nesta asserção, cabe ponderar o quanto a autoridade das imagens de matiz religioso, em parceria com averbações sociais, políticas e econômicas, empolgam o empreendedorismo espacial de grupos, povos e civilizações.

Assim sendo, a influência dos aparatos simbólicos, inspirando e induzindo motivações relativamente ao espaço concreto, constituem determinação de importância cabal, não sendo plausível descartá-los da análise dos mapas em qualquer plano, escala ou sistema de relações. A respeito, recordemos a sentença do geógrafo norte-americano David LOWENTHAL:

“As esperanças e o medo da mente humana frequentemente animam as percepções de senso comum. A localização suposta e os aspectos do paraíso estimularam muitos cartógrafos medievais. Muitas expedições de exploração procuraram alusivos Eldorados” (1985: 119).

Nesta ordem de explanações, pode-se citar, como exemplo, a recorrência com que o homem medieval se empenhava em formidáveis caminhadas para fora do Europa,

assoberbado que estava não por razões reais ou objetivas, mas antes por conta de alegorias maravilhosas que impregnavam o imaginário feudal.

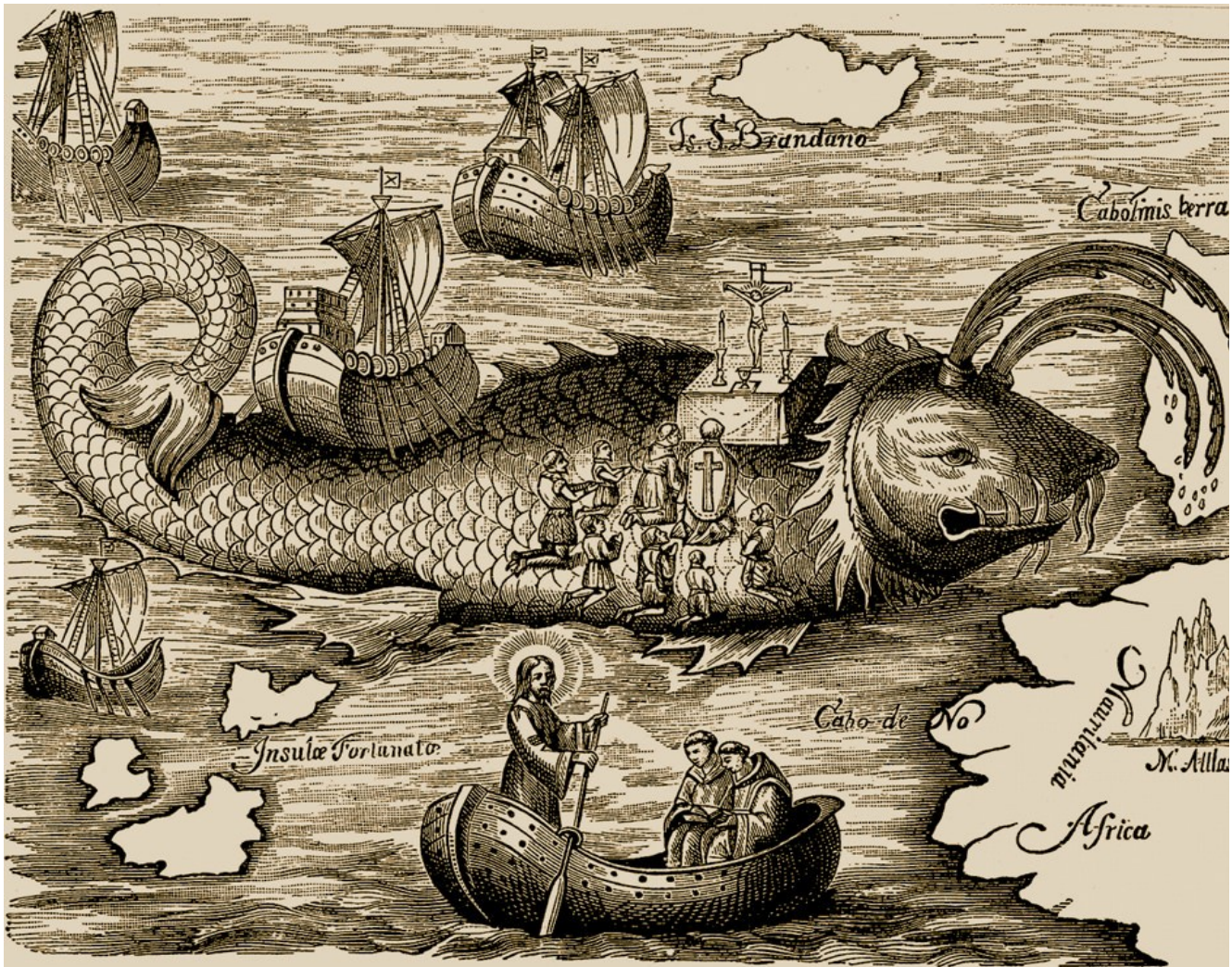


FIGURA 5 - Neste mapa de 1621, de autoria de Honorius Philoponus, São Brandão celebra a Páscoa no dorso da baleia gigante Jasconius, que acreditava-se, perambulava placidamente pelas extensões do Atlântico Norte. Trata-se de uma dentre muitas exemplificações de concepções fabulosas que por desfrutarem de credibilidade, foram indexadas à mapografia (Fonte: < <http://www.nybooks.com/daily/2014/01/03/maps-monsters/> >. Acesso: 09-04-2017).

No medievo, o fascínio despertado por fabulações relativas a impérios imaginários motivou leva após leva de viajantes a partir em busca destes reinos, caso dos domínios do rei Prestes João, que a Cristandade ocidental acreditava existir em algum nebuloso rincão asiático ou africano.

Mas, embora inexistente, durante quinhentos anos este reinado mítico inundou os mapas europeus. Mesmo em 1565, em plena Idade Moderna, este país irreal teimava em marcar destacada presença no famoso Atlas do eminente cartógrafo português Diogo Homem.

De mais a mais, durante toda a Idade Média, a Terra Santa (Palestina) e em especial a cidade de Jerusalém, referências religiosas inseparáveis do imaginário espacial cristão, suscitaram peregrinações e várias expedições militares, caso das Cruzadas, organizadas exatamente com o fito de arrebatá-las aos maometanos.

A esta tematização imaginária do espaço, que impactou fortemente a consciência europeia durante mais de mil anos, podemos agregar toda sorte de medos, evitações e superstições vivenciados pela mentalidade medieval relativamente ao espaço, fato que concorreu para enclausurar o continente em si mesmo.

Dentre as crendices geográficas mais notáveis constava a de que a zona equatorial (ou tórrida), seria inabitável por obra da incidência dos cáusticos raios solares, colocando sob suspeição qualquer travessia que ousasse transpor o manto protetor do clima temperado.

Havia igualmente a convicção de que seres aberrantes e tenebrosos habitavam nichos mal conhecidos da terra firme e das profundezas dos oceanos, compondo um bestiário repleto de dragões, ogros, serpentes marinhas, basiliscos, silfos, harpias e salamandras, seres imaginários que estariam em associação ou franca aliança com vampiros, bruxas e demônios.

O pavor suscitado por estas criaturas, aliado a uma visão demonizante do oriente muçulmano e para completar, os mitos de que as paragens limítrofes à Europa e as que se estendiam para além dos confins do continente estariam repletas de confrarias estranhas, hostis e perigosas, formadas por lotófagos, antropófagos e semi-humanos anômalos, indubitavelmente reforçaram a aptidão autárquica do sistema feudal.

Ao mesmo tempo, ressalve-se que inflexões imaginárias como estas, além de não estarem restritas exclusivamente ao período medieval, não constituem apanágio da inculturação europeia. Longe disso, o encantamento intrínseco aos modelos espaciais imaginários configura uma propensão comum a todas as mentalidades e civilizações.

Enquanto regra universal, a força exercida pelas inflexões espaciais imaginárias, direcionando os deslocamentos dos homens de todas as sociedades humanas no espaço concreto em todos os tempos é indiscutível.

Exatamente por conta deste enunciado, muitos pontos fixos do espaço habitado, ungidos de função mágica, sagrada e/ou cerimonial, foram honorabilizados geração após geração, com isso magnetizando incisivamente a organização e a vivência humana no espaço geográfico.

Neste senso, o potencial mobilizador do imaginário espacial é imenso, podendo catalisar fluxos demográficos encorpados por milhões de pessoas. Veja-se a cidade árabe de Meca, que granjeada pelo Islamismo de considerável densidade sagrada, passou a ser reverenciada como um *axis mundi*⁴, funcionando como um “atrator” para multidões de romeiros de largo perímetro geográfico.

Ocorre que para os muçulmanos, Meca é o único sítio que garante a consecução dos rituais máximos da fé, lhe conferindo, pois um *status* ímpar numa geografia simbólica compartilhada por milhões de adeptos (Figura 6).

Ora, sendo estes os arrazoados que regem e seduzem os humanos, disto se infere que o espaço, sentido e vivenciado em função de elos simbólicos, afetivos, emocionais e qualitativos, faz com que os mapas estejam impedidos de ignorar as predicções dos modelos de percepção do espaço.

À vista disso, retenha-se, primeiramente e antes de tudo, *que o mapa enquanto imagem* representa não só como o espaço de certo modo *é*, mas em justa e igual medida, decalca um arranjo imaginário que define *como o espaço deve ser observado*.

Neste sentido, os mapas podem constituir formidável instrumento de dominação, que se valendo de um modelo exclusivo de interpretação do espaço, explicitam dados da organização espacial com esteio numa lógica locacional dessimétrica, através da qual, pessoas, grupos e culturas são acomodadas em nichos antecipadamente estipulados pelos códigos política e culturalmente dominantes.

Por esta razão, nos mapas elaborados pelo Egito faraônico, China imperial, Índia e Babilônia, a plotagem de objetos espaciais como templos, locais de devoção e palácios

(lembrando neste último caso que eram a moradia de reis sacerdotes ou soberanos divinizados), nada tinha de casual.

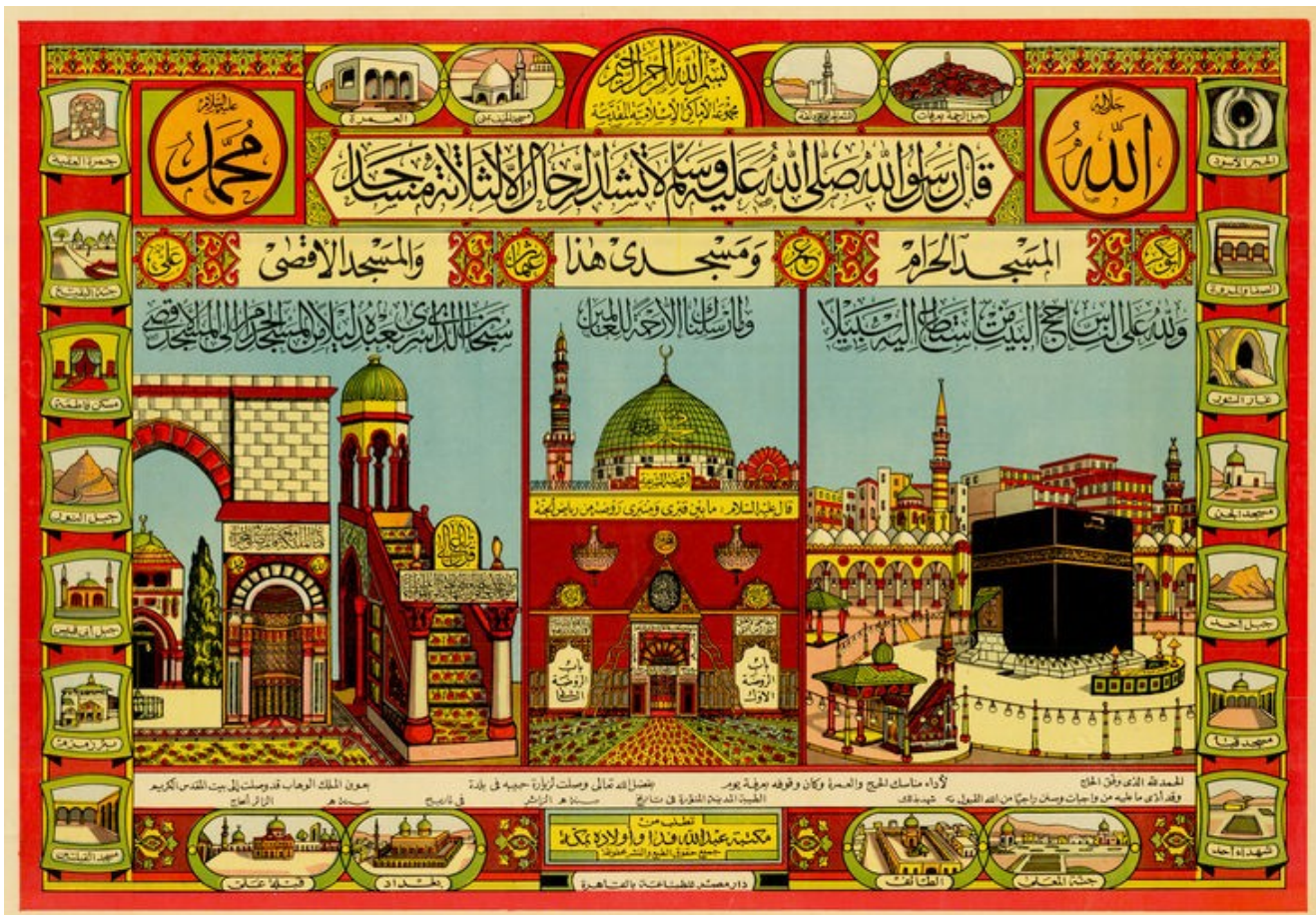


FIGURA 6 - Certificado da peregrinação a Meca emitido pelas autoridades religiosas da Arábia Saudita, com imagens da mesquita de *Al-Masjid al-Haram*, da *Kaaba* e outras cenas da cidade de Meca. *Al-Masjid al-Haram* ou Grande Mesquita, é o principal recinto religioso do Islamismo, cujo pátio abriga a *Kaaba*, edificação que guarda a pedra negra, a relíquia mais sagrada do Islã. Em obediência ao Alcorão, acredita-se que diariamente, cerca um bilhão de devotos se voltam para Meca para rezar. Por ano, cinco milhões de muçulmanos em média fazem peregrinação para a cidade, ato considerado altamente meritório pela fé islâmica (Fonte: < <http://www.raremaps.com/> >. Acesso: 09-04-2017).

Nesta ordem de exposições, tais mapas buscavam a confirmação do paradigma de que o espaço da civilização em questão tinha por matriz um arquétipo cósmico, um molde situado no extramundo esboçado pelas divindades quando da própria inauguração do tempo e que assim deveria se perpetuar por toda a eternidade.

Logo, implicitamente chama a atenção o quanto o saber cartográfico das sociedades antigas postou-se a serviço da legitimação de um *modus operandi* de cunho teocrático, confirmando as arquiteturas de poder com base em mandatos celestiais, voltados para respaldar a estabilidade territorial de impérios estanques e autocentrados, devotadas a conter a pressão esmagadora das forças do caos, da entropia e da desordem.

Mas, afira-se, uma vez mais, que o vínculo desta geografia com prototipias obcecadas com a ordem, a permanência e o equilíbrio não pode ser reputada como sendo modulação particular das sociedades do passado.

Para todos os tempos e sociedades, as averbações engastadas aos modelos imaginários de percepção do espaço nada mais certificam do que o papel destes cânones de compreensão de mundo enquanto *fiadores da estabilidade*, invectiva que constitui denominador comum a todas as idealizações coletivas do espaço.

Por isso mesmo, uma particularidade distintiva dos imaginários espaciais é a resiliência que explicitam no frigidar do tempo histórico, manifesta na notável capacidade de persistirem na memória coletiva de povos, grupos e civilizações, confortando-os diante das crises e momentos adversos, instigando-os a manter fidelidade a toda prova por sítios, territórios e locais.

Chegando a desafiar o lustro de séculos e milênios, as representações imaginárias do espaço terminam, inclusive em razão da repetição, por serem adereçadas da auréola da inocência, de ascendência e obviedade. Deixam, portanto de constituir trivial fruto da imaginação para serem mentores perpétuos do modo como o espaço é cotidianamente vivenciado.

No que comprova este parecer, comentando uma construção bastante corriqueira na cartografia atual, o modelo pelo qual hoje identificamos o planisfério terrestre resulta, por exemplo, de uma pactuação de consensos forjada entre os gregos de outrora, replicada passo a passo por toda a antiguidade clássica e posteriormente, afiançada pelos geógrafos europeus.

Na proposição formatada pela cartografia helênica, detecta-se prontamente um regime de estereotipias por intermédio do qual foi construída uma imagem planetária tendo por meta a afirmação da centralidade e da superioridade da Europa frente ao conjunto dos continentes.

Desdobrando-se numa prototipia cartográfica que se tornaria autêntico modelo tutorial para os mapas ocidentais, esta padronagem estava umbilicalmente atada a um arcabouço simbólico apoiado em exações das narrativas mitológicas da antiga Grécia.

É sabido, os mapas gregos procuravam evidenciar supremacia frente a povos considerados inferiores principiando com o destaque ofertado à cidade de Delfos, morada do famoso oráculo, estipulada como centro do universo ou melhor, como o *omphalos* ⁵, entronizado *axis mundi* do universo helênico e por extensão, do conjunto das terras habitadas.

Paralelamente, buscando sansão em credenciais geoastronômicas, ou dito de outro modo, na aquiescência dos poderes celestiais, adotou-se a estrela Polar como eixo para a direção Norte, orientação que nas cartas gregas foi acoplada à localização da Europa, matriz que pouco a pouco dominou inteiramente o ideário geográfico ocidental.

Disto decorre que a cartografia helênica firmou uma sinonímia entre a premissa da estrela Polar como indicativa da direção Norte e com ela, as noções de refinamento, de prodigalidade intelectual e de civilização, pregação que durante muitos séculos foi predicada como elemento distintivo dos gregos comparativamente aos povos do seu entorno geográfico, da Ásia, particularmente.

Por esta via, o hegemonismo grego, buscando sancionar a valorização topológica da Hélade, reservou ao continente europeu a posição setentrional, “superior” nas representações cartográficas, imagetivamente postado de modo a encabeçar as plagas do mundo conhecido, a *oikouménē* ⁶, conceito que impregnou a cultura romana e que subsequentemente, foi ratificado pelo mundo cristão.

Este arranjo, materializando acepções espaciais de mundo em favor da europeidade, foi substantivado numa coleção expressiva de cartas, tais como o célebre planisfério ⁷ de autoria do geógrafo alexandrino Cláudio Ptolomeu (Figura 7), um trabalho basilar, que doravante se tornaria padrão icônico da cartografia ocidental.

Este rompante etnocêntrico indexado ao desenho geográfico das terras emersas, ainda que adotando *a posteriori* outros regimes de sentido, foi confirmado pela Igreja e pela ordenação política e econômica imposta ao Planeta pelo Ocidente, consagrando nos mapas-múndi a Europa como *pivot* do espaço terrestre, sempre na condição de titular da cobiçada posição superior do ecúmeno.



FIGURA 7 - O Planisfério de Ptolomeu (circa 150 d.C.), na cópia do cartógrafo alemão Johannes Schnitzer, datada de 1482 (Fonte: < <http://southwritlarge.com/articles/north-as-up/> >. Acesso: 12-04-2017).

Para complementar, tal proeminência foi reafirmada pela produção cartográfica que secundou as grandes navegações, que ao cabo da identificação do contorno dos continentes, além de manter a Europa na posição norte dos mapas-múndi, dispôs o continente exatamente no centro das terras emersas, locadas à sua volta como que lhe prestando uma justa e merecida homenagem.

Esta exaltação cartográfica do continente europeu foi igualmente vitaminada pela instrumentalização de projeções cartográficas, tal como aconteceu no Planisfério de Mercator (1569), mapa emblemático da expansão marítima europeia. Nesta carta, o ordenamento das latitudes, refletindo o princípio imperante da matematização do espaço, distorce tremendamente a representação das terras emersas, ampliando a expressividade visual da Europa concomitantemente a uma desidratação das áreas

pertinentes à Ásia, África, Oceania e América Latina, terras submetidas aos europeus (Figura 8).

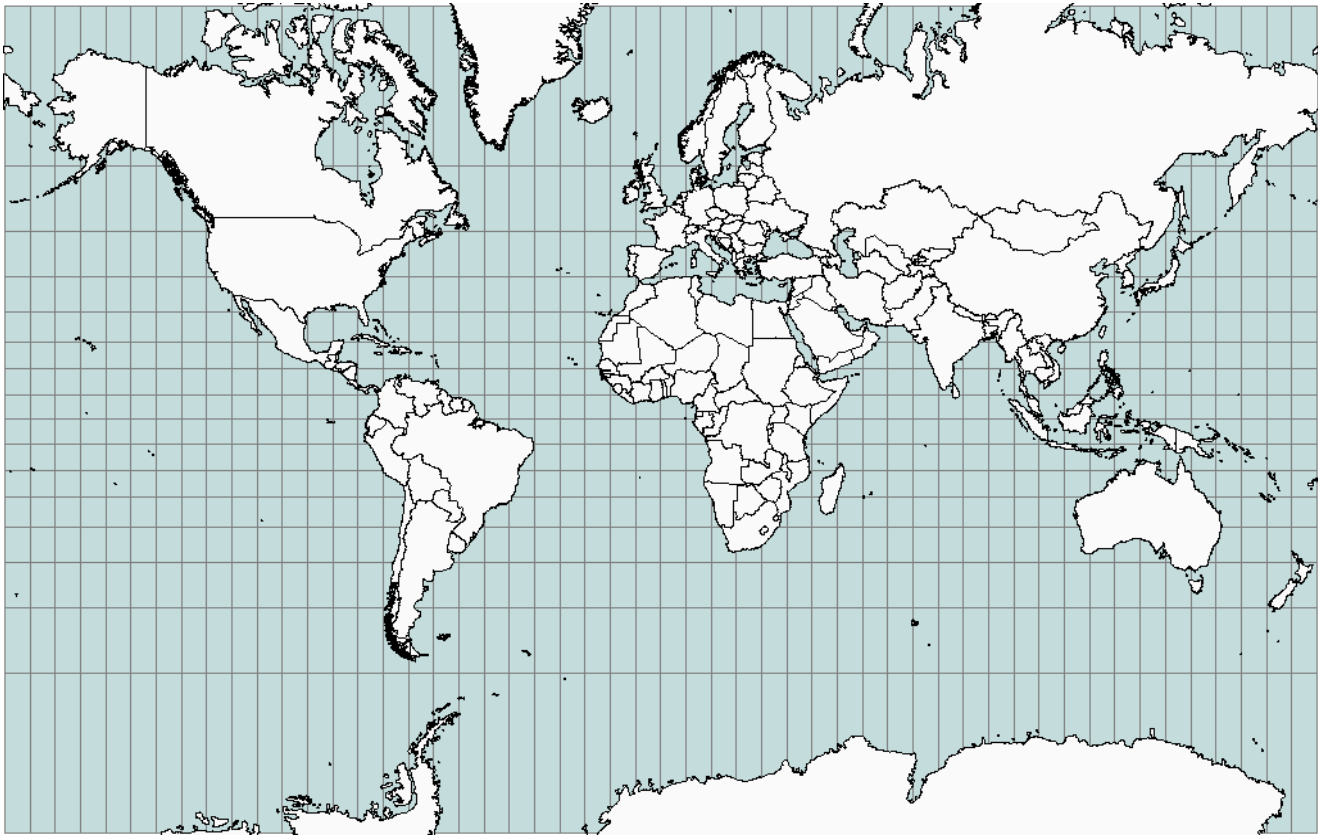


FIGURA 8 - Planisfério terrestre na projeção de Mercator apresentando a divisão política do globo no ano 2000. O mapa claramente repete a fórmula de Ptolomeu de valorizar a europeidade na representação cartográfica (Fonte: < <http://gis.stackexchange.com/questions/> >. Acesso: 12-04-2017).

Reconhecidamente, não há como não consignar que tais arranjos imagéticos mantiveram parceria com estratégias explícitas de manipulação ideológica. Até porque, sendo o Planeta uma esfera e a orientação dos pontos cardeais uma convenção, o centro das terras emersas poderia adotar qualquer ponto como eixo geográfico de referência.

Isto posto, a imagem sacramentada pela geografia ocidental é uma dentre muitas opções de uma construção imagética da Terra. Logo, a proposição adotada pela cartografia ocidental em valorizar unicamente uma das alternativas é esclarecedor

quanto à índole do que estava em jogo. Ou seja, o procedimento constituiu bem mais do que mera predileção.

Quanto à Projeção de Mercator, trata-se de uma proposição que universalizou-se secundando a hegemonia técnica e política do Ocidente. Na imagem resultante desta projeção, as regiões localizadas nas altas latitudes setentrionais e meridionais são consideravelmente dilatadas, deformação que por emprestar expressividade ao Hemisfério Norte foi objeto de manifesta manipulação ideológica ⁸.

Neste sentido, a sintaxe legitimadora do mapa-múndi europeu decorreu de intermediações sociais, históricas, econômicas, culturais e políticas alavancadas pela expansão mercantilista e a partir do Século XVIII, pelos esquemas de dominação global, que seguiram sob a batuta das nações afluentes do Hemisfério Norte.

Ainda assim, não se pense que procedimentos cartográficos supremacistas foram privativos do processo de expansão global dos ocidentais. Seja a partir de critérios firmados na imposição da vontade política, pela fé em determinada religião ou por puro etnocentrismo, a apologia do território de um grupo como *axis mundi* é uma eterna tentação a rondar o trabalho dos cartógrafos de todas as épocas.

Por conseguinte, tal predisposição também pode ser observada, por exemplo, na cartografia islâmica, cujas cartas, tal como a versão desenhada pelo cartógrafo marroquino Muhammad Al-Idrissi, exaltam a Ásia, a Arábia em particular, e não a Europa, como extensão destinada a assenhorear-se da disputada posição central nas cartas (Figura 9).

Claro está, tal como para a antiguidade clássica era inconcebível posicionar-se “abaixo” dos bárbaros, para o Islã, consentir que países papistas pudessem estar plotados “acima” de Meca, a cidade santa do Profeta Maomé, seria algo completamente fora de cogitação.

En passant, observe-se que conquanto as duas interpretações de disposição dos continentes sejam cartograficamente corretas, de vez que Norte e Sul, conforme comentamos, constituem orientações mutuamente permutáveis, expressam contudo divergentes opções valorativas do espaço, que ontologicamente discrepam entre si.



FIGURA 9 - O Planisfério na versão árabe-muçulmana: O mapa-múndi de Al-Idrisi (circa 1.158 d.C.), embora nitidamente incorporando conhecimentos acumulados pelos gregos, induzia outras preocupações cartográficas. O pressuposto máximo do islamismo - a cidade de Meca - é básico para a compreensão da “inversão” da posição da Europa, “rebaixada” neste mapa para a porção meridional ao passo que a Arábia “desloca-se” para a sugestiva posição Norte do mapa (Fonte: < <http://www.unesco.org/new/en/social-and-human-sciences/themes/general-and-regional-histories/> >. Acesso: 13-04-2017).

Fundamentalmente, o contraditório se manifesta em virtude de que enquanto proposições de matriz política e cultural, ambas conflitam por privilegiarem um espaço específico enquanto centro por definição da empreitada religiosa e civilizatória, implicando axiomáticamente na subalternização do outro, marcado com o estigma da inferioridade a partir do momento em que não compartilha do mesmo acervo de expectativas culturais.

Ademais, pensando-se que os planisférios de Ptolomeu e de Al-Idrissi de alguma maneira reverberariam a discutível tese do “choque de civilizações” do cientista político estadunidense Samuel Huntington, haveríamos então de frisar que a querela relativa ao “bom lugar ao Sol” nos mapas, vetoriza diversas outras polêmicas.

Notadamente porque para além de suscetibilidades religiosas, sociais, culturais e de civilização, a cartografia se habilita a incorporar disputas políticas balizadas por contradições e divergências, as quais no plano da sociedade contemporânea, tem insuflado releituras do planisfério com base na contradição Norte-Sul.

Rubrique-se que desde os anos 1960, o jargão consensual das ciências sociais estava perpassado pelo debate opondo países centrais e periféricos, terminologias que nada mais eram do que sucedâneo politicamente correto de expressões como países desenvolvidos e subdesenvolvidos, conceitos tidos na voz de muitos críticos como anódinos e mascaradores das crispções da ordem global.

Pois bem, a identificação da carta de Mercator enquanto imagem propugnadora da inferiorização do Terceiro Mundo, tendo por rebote epifenomênico a desqualificação cartográfica dos povos extraeuropeus, foi uma aresta que terminou por inspirar objeções e inconformismo em amplos segmentos de opinião.

No que é demonstrativo do quanto a cartografia interage com a esfera do político, as implicações do mapa de Mercator explicam o sucesso, a partir de 1973, do Planisfério de Gall-Peters como contraponto ao mapa-múndi de Mercator.

Enquanto imagem questionadora, o mapa de Gall-Peters, dispondo os continentes em proporções mais próximas do real e com isso, explicitando a expressividade geográfica do Terceiro Mundo, prontificou-se enquanto representação adequada para resgatar a autoestima dos povos periféricos, incutindo mudanças na percepção que os grupos excluídos faziam do mundo (Figura 10).

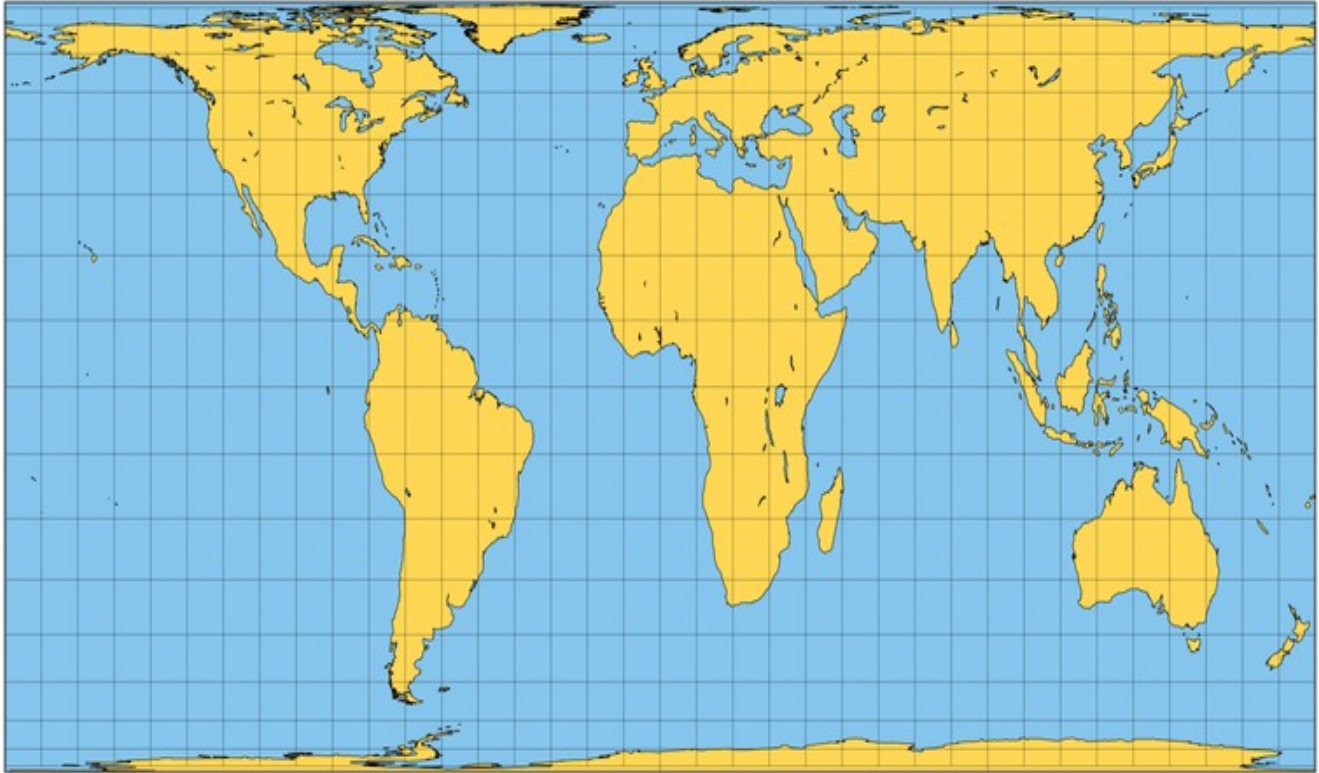


FIGURA 10 - O planisfério terrestre elaborado com base na Projeção de Gall-Peters. Embora considerada como “nova”, assinala-se que esta projeção foi primeiramente criada no Século XIX pelo clérigo escocês James Gall, somente ganhando notoriedade com a divulgação promovida pelo jornalista e historiador alemão Arno Peters, conquistando grande popularidade no último quartel do Século XX (Fonte: < <https://futuremaps.com/blog/projecting-the-world-part-2> >. Acesso: 13-04-2017).

No embalo de uma das raras polêmicas públicas da cartografia, a projeção de Gall-Peters foi prontamente aceita pelos movimentos sociais, partidos progressistas, intelectualidade contestadora e por órgãos da ONU como a UNESCO e a UNICEF, que na ocasião, viviam momentos marcados por consciência social mais crítica e aberta às aspirações de grupos e movimentos das nações periféricas.

Neste contexto, o fim da experiência da Europa Oriental com o desmantelamento da União Soviética em 1991, de pronto atestada como epílogo da contradição entre capitalismo e socialismo, ou oposição Leste-Oeste, exaltou ainda mais as desigualdades econômicas globais como tema *par excellence*.

Até porque o fim do socialismo na Europa do Leste foi de igual modo a retirada de cena de um antagonismo global tradicionalmente apoiado nas divergências de ideologia. Eis

então que rapidamente o binômio Norte-Sul tornou-se corriqueiro no discurso leigo e acadêmico, acepção que não tardou em conjuminar-se com a roupagem cartográfica sugerida pela Projeção de Gall-Peters, avalizando desta maneira a mapografia das contradições dantes catalogadas como Centro e Periferia.

Sendo essa a premissa política dominante num mundo que unificado, seguiu desunido, nada mais coerente do que uma vez zerada a exacerbação imagética do Hemisfério Norte no conjunto das terras emersas, que a permanência da Europa na parte mais altaneira do planisfério fosse refutada com a mesma verve.

É o que justifica a masterização da direção Norte em proveito do Hemisfério Sul, que nos mapas-múndi engajados assume agora a posição considerada simbolicamente relevante no planisfério (Figura 11).

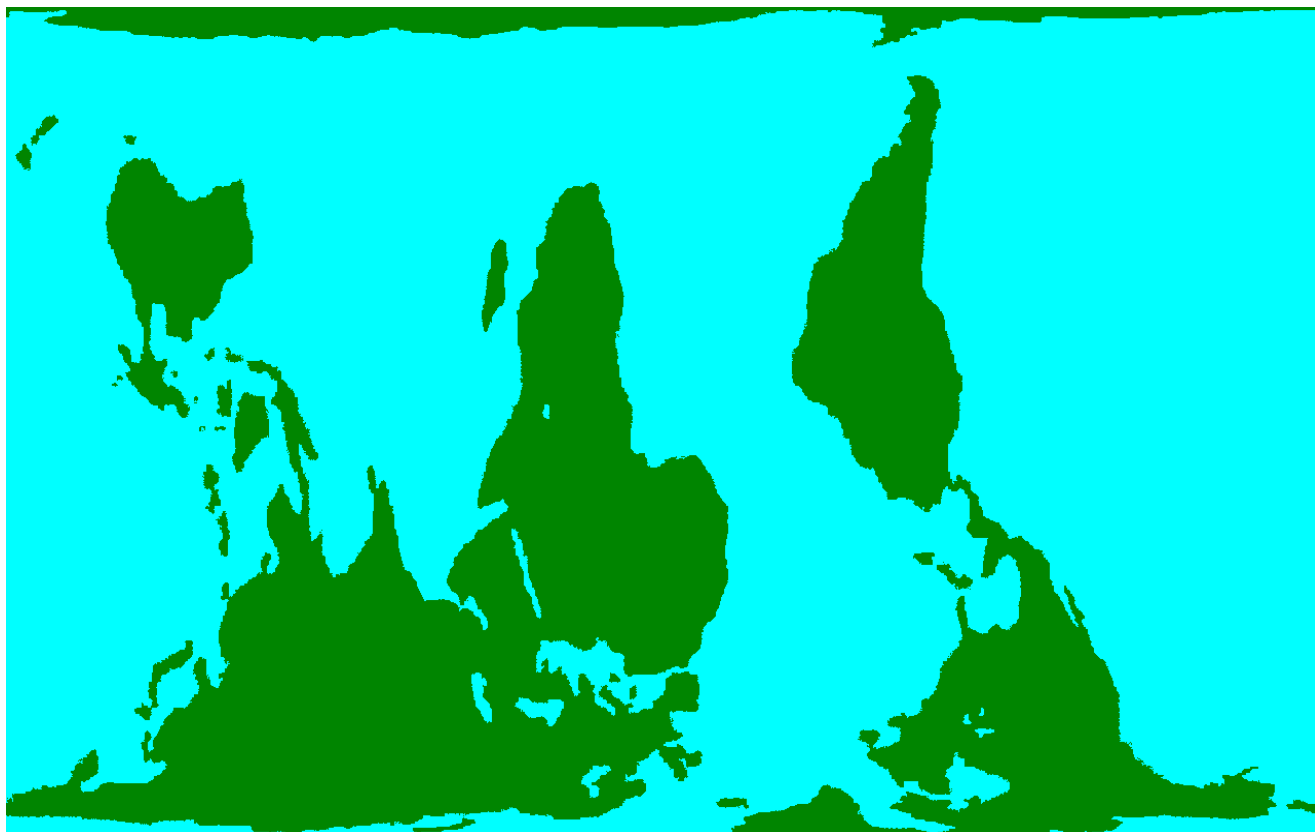


FIGURA 11 - Mapa-múndi na Projeção de Gall-Peters, subvertendo a direcionamento Norte tradicionalmente pautado pela cartografia eurocentrada (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 17-09-2018).

No final das contas, sendo meramente uma convenção, o entendimento de que o Norte está assenhoreado pela Europa pode ser alterado sem qualquer prejuízo na leitura cartográfica.

Não haveria como ser objetado, os continentes hoje situados cartograficamente no Sul dos mapas-múndi, como a África, América Latina e Oceania, poderiam muito bem ocupar a posição setentrional ou mesmo, plotados no seu centro das representações de mundo.

Todavia, tudo o que comentamos nada mais assevera o quanto diferentes grupos, povos e civilizações se movem em busca de um referencial que afirme sua identidade e confirme a honorabilidade das opções que foram apadrinhadas no âmago mais profundo do que configura sua razão de ser.

Na realidade imputar-se como eixo do mundo nada mais é do que uma forma de expressar a decisão de fazer-se presente com base em convicções próprias de modo autônomo e independente, aspiração que desvincilhada do hegemonismo e das pulsões de dominação do outro, em nada interferem na convivência com os demais projetos e aspirações.

Numa ponderação que equaciona essa aparente dissintonia, podemos recorrer à célebre dita do geógrafo e historiador francês Gilles Lapouge: *o centro do universo pode estar em toda a parte*. Portanto, pode estar em todo lugar, inclusive em cada um de nós.

Assim, que cada um dos memoráveis centros do universo passem a desfrutar da centralidade sem com isso arrogarem-se à exclusividade, atentos à condição taxativa de serem plurais, somente uma dentre muitas proposições que podem patrocinar uma realidade global que também seja plural.

Urge pensar uma pluralidade que entenda a centralidade enquanto parceira da convivência com a diferença, um caminho a garantir a interatividade com o múltiplo. Um mundo formado pelos mais diferentes mapas, dispensando a volubilidade de cartografias empenhadas no exclusivismo.

Mapas ciosos da centralidade, mas do mesmo modo ciosos da pluralidade. Uma nova representação para uma Humanidade unida na diferença.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER, Craig. *The Bedolina Map: An Exploratory Network Analysis*. In: Analysing Ancient Economies and Social Relations. Proceedings of the 35th International Conference on Computer Applications and Quantitative Methods in Archaeology (CAA), Berlin, Germany, April 02-06-2007. 2007;

ALMEIDA, Rosângela Doin de (organização). *Cartografia Escolar*. São Paulo (SP): Editora Contexto. 2007;

ANTONIOU, Antonis, KLANTEN, Robert; EHMANN, Sven et HELIGE, Hendrik. *A Map of the World according to ilustrators & storytellers*. Berlin (Alemanha): Die Gestalten Verlag GmbH & Co. 2013;

BARBER, Peter et HARPER, Tom. *Magnificent Maps: Power, Propaganda and Art*. Londres (Reino Unido): The British Library. 2010;

BETTANINI, Tonino. *Espaço e Ciências Humanas*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Paz e Terra, 1982;

BOARD, Christopher. *Os Mapas como Modelos*. In: Modelos Físicos e de Informação em Geografia. Richard J. Chorley e Peter Haggett (Coordenação). São Paulo e Rio de Janeiro (SP-RJ): Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1975;

BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;

CLAVAL, Paul. *Espaço e Poder*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar Editores. 1979;

COSGROVE, Denis. *Geography and Vision Seeing, Imagining and Representing the World*. Londres e Nova York: I. B. Tauris, 2008;

CUVILLIER, Armand. *Sociologia da Cultura*. Porto Alegre e São Paulo (RS-SP): coedição Editora Globo e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1975;

DÖPCKE, Wolfgang. *A Vida Longa das Linhas Retas: Cinco Mitos Sobre as Fronteiras na África Negra*. Brasília (DF): Revista Brasileira de Política Internacional, volume 42, nº. 1, pp. 77-109. 1999;

EDNEY, Matthew H. *Putting "Cartography" into the History of Cartography: Arthur H. Robinson, David Woodward, and the Creation of a Discipline*. In: *Cartographic perspectives*, n. 51, Spring 2005, pp. 14-29. Milwaukee, Wisconsin (EUA): AGS Library. 2005;

ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Coleção Perspectivas do Homem. Lisboa (Portugal): Edições 70. 1978;

FORTES, Meyer et EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. *Sistemas Políticos Africanos*. Lisboa (Portugal): Fundação Galouste Gulbenkian. 1977;

HALL, Edward Twitchell. *A Dimensão Oculta*, 2ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Editora Francisco Alves. 1981;

FREIRE, Neison Cabral Ferreira et FERNANDES, Ana Cristina de Almeida. *Mapas como Expressão de Poder e Legitimação sobre o Território: Uma breve evolução histórica da cartografia como objeto de interesse de distintos grupos sociais*. In: Atas do III Simpósio Brasileiro de Ciências Geodésicas e Tecnologias da Geoinformação, pp. 1-9. Recife (PE), 27-30 de Julho de 2010. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina. 2010;

GARBIN, Estevão Pastori, SANTIL, Fernando Luiz de Paula et BRAVO, João Vitor Meza. *Semiótica e a Teoria da Visualização Cartográfica: Considerações na Análise do Projeto Cartográfico*. Boletim de Ciências Geodésicas, Outubro/Dezembro, 2012, Volume 18, nº. 4, pp. 624-642. Curitiba (PR): Universidade Federal do Paraná (UFP). 2012;

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos Editora (LTC). 1989;

HUNTINGTON, Samuel Phillips. *O Choque das Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro (RJ): Objetiva. 1997;

LAPOUGE, Gilles. *Novos Conceitos Revolucionam a Geografia*. In: *Jornal O Estado de São Paulo*, edição de Domingo, 12-12-1976. 1976;

LIDDELL, Henry George et SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford (Reino Unido): Perseus Digital Library. 1940;

LOWENTHAL, David. *Geografia, Experiência e Imaginação: Em direção a uma Epistemologia Geográfica*. In: *Perspectivas da Geografia*, Antônio Christofolletti (Org.), pp.103-142. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1985;

MARTINELLI, Marcello. *Mapas da Geografia e Cartografia Temática*. 6ª edição, ampliada e atualizada. São Paulo (SP): Editora Contexto. 2011;

_____. *A Sistematização da Cartografia Temática*. In: ALMEIDA (obra citada), pp. 193-200. 2007;

MONTERO, Paula. *Reflexões sobre uma Antropologia das Sociedades Complexas*. In: *Revista de Antropologia*, nº. 34, pp. 103-130. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo (USP). 1991;

MUHL, James D. *Ancient Cartography: Man's earliest attempts to represent his world*. Expedition, Volume 20, pp. 26-31. Number 2, Winter 1978. EUA: University of Pennsylvania, Museum of Archaeology and Anthropology. 1978;

NEBENZAHL, Kenneth. *Mapping the Silk Road: 2.000 years of exploring the east*. Londres (United Kingdom): Phaidon Press. 2004;

OLIVEIRA, Cêurio de. *Vocabulário Inglês/Português de Geociências*. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1995;

_____. *Dicionário Cartográfico*. 2ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1983;

OLIVEIRA, Livia de. *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa*. Série Teses e Monografias, nº. 32. São Paulo (SP): Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo (IGEOG/USP). 1978;

PANKOW, Gisela. *O Homem e seu Espaço Vivido*. Campinas (SP): Editora Papirus. 1988;

PRICE, Derek de Solla. *A Ciência desde a Babilônia*. Coleção O Homem e a Ciência, nº. 2. Belo Horizonte e São Paulo (BH-SP): Editora Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1976;

RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. Série Temas, Geografia e Política, nº. 29. São Paulo (SP): Ática. 1993;

RAISZ, Erwin. *Cartografia Geral*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Científica. 1969;

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1988;

_____. *Por Uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo (SP): coedição Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1978;

SEEMANN, Jörn. *Mercator e os Geógrafos: Em busca de uma “projeção” do mundo*. Universidade Federal do Cariri (UFC): Revista de Geografia da UFC, ano 2, nº. 3, páginas 7-18. 2003;

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1990;

UNGER, Richard W. *Ships on Maps: Pictures of Power in Renaissance Europe*. Londres (Reino Unido): Palgrave, Macmillan. 2010;

VAN DER KROGT, Peter. *The Origin of the Word “Cartography”*. Revista e-Perimetron - International Web Journal on Sciences and Technologies Affined to History of Cartography and Maps, Volume 10, nº. 3, pp. 124-142. Site: < www.e-perimetron.org >, Acesso: 08-10-2018. 2015;

WALDMAN, Maurício. *Espaço e Modo de Produção Asiático: A organização do espaço geográfico nas primeiras sociedades estatais*. Coleção Textos Acadêmicos nº. 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto de acesso livre disponibilizado *on line* em Formato PDF: < http://mw.pro.br/mw/espaco_e_modos_de_producao_asiatico.pdf >. Acesso: 18-10-2018. 2016a;

_____. *Hegemonia Ocidental: Processo Cultural, Histórico e Social*. História: Coleção Educação Popular - Textos de Apoio nº. 4. São Paulo (SP): Editora Kotev. Texto de acesso livre disponibilizado *on line* em Formato PDF:

< http://mw.pro.br/mw/educacao_popular_01.pdf >. Acesso: 14-05-2018. 2016b;

_____. *Todos os Caminhos Levam a Roma: A Cartografia dos Césares, Tábuas Peutingera e os Limites do Espaço*. In: Revista Geografia, v. 22, p. 59-77. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina (UEL), Departamento de Geociências, Programa de Mestrado e Doutorado em Geografia da UEL. Texto masterizado em 2018 pela Editora Kotev para fins de acesso livre *on line* em Formato PDF:

< http://mw.pro.br/mw/cartografia_02.pdf >. Acesso: 11-12-2018. 2014;

_____. *A Apreensão Objetiva do Espaço pelos Antigos*. Texto primeiramente disponibilizado no site de Geocarto - Website de Geografia e Cartografia, do Departamento de Geografia da FFLCH-USP, em Abril de 2009, posteriormente masterizado e indexado à Série Cartografia, Nº 4. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018. Texto disponível para acesso livre *on line* na Internet em Formato PDF:

< http://mw.pro.br/mw/cartografia_04.pdf >. Acesso: 24-12-2017. 2009;

_____. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, nº. 6, 1ª edição. São Paulo (SP): Editora do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). 2006;

_____. *Imaginário, Espaço e Discriminação Racial*. In: revista GEOUSP - Espaço e Tempo, nº. 14, pp. 44-63. São Paulo (SP): Serviço de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 2003;

_____. *Metamorfoses do Espaço Imaginário: Um ensaio “topo-lógico” relativo ao universo da cultura, do espaço e do imaginário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 1997;

_____. *Espaço e Modo de Produção Asiático*. In: Boletim Paulista de Geografia, nº. 72. São Paulo (SP): Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), seção local São Paulo. 1994;

_____. *Doze Estudos em Geografia Crítica: Geografia para o Ensino Técnico de 2º Grau*. Obra elaborada como subsídio para sala de aula para os cursos do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Título registrado junto à Biblioteca Nacional-Fundação Pró-Memória, sob o nº. 28.659, aos 4 de Outubro de 1983. Rio de Janeiro (RJ): Biblioteca Nacional-Fundação Pró-Memória. 1982;

WOODWARD, Davis et LEWIS, G. Malcom. *The History of Cartography, Volume Two, Book Three - Cartography in the Traditional African, American, Artic, Australian and Pacific Societies*. Chicago e Londres (EUA e Reino Unido): University of Chicago Press. 1998.

¹ **Mapa e Representação da Realidade, ISBN: 1230003340035**, é um texto introdutório para cursos de capacitação em cartografia e geografia. O material foi elaborado a partir de excertos de textos escritos e divulgados pelo autor ao longo de sua trajetória como professor em cursos de capacitação para profissionais da educação nas áreas de história, geografia e de cartografia escolar. Em Setembro do ano de 2018, este material foi formatado em texto de acesso livre na Internet em Formato PDF com os préstimos da **Editora Kotev (Kotev ©)**. A presente edição foi masterizada em conformidade com as regras que atualmente regem o bom uso a língua portuguesa, agregando cautelas editoriais com o fito de adequar o texto ao livre acesso por meio de ferramentas digitais através da web. A formatação deste material para a Internet contou com a Assistência de Editoração e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com; Site: www.harddesignweb.com.br. **Mapa e Representação da Realidade** é um material gratuito. Vedada a reprodução comercial e também, divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Mapa e Representação da Realidade** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Mapa e Representação da Realidade*. Série Cartografia, Nº 1. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

² **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área ambiental e uma carreira acadêmica com contribuições no campo da antropologia, geografia, sociologia e relações internacionais. Entre 1970-1980, atuou como professor de geografia e de história em escolas da rede particular da capital paulista e como Diretor da Escola e dos Cursos Profissionalizantes da Fundação Estadual do Menor (FEBEM) e do Serviço SOS Criança (1997-2000). Waldman foi colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Nos anos 1988-1991, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação, em São Paulo e no Rio de Janeiro), em movimentos em defesa da Represa Billings no Grande ABC Paulista e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo e o Comitê de Fiscalização do Reator Nuclear do Projeto Aramar, em Iperó (SP). Autor de 18 livros e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Waldman é autor, dentre outras obras, de *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992), *Geografia para o Ensino Fundamental* (Editora Didática Suplegraf, 1999), *Antropologia & Meio Ambiente*, primeira obra brasileira no área da antropologia ambiental (SENAC, 2006) e de *Lixo: Cenários e Desafios - Abordagens básicas para entender os resíduos sólidos*, obra finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011 (Cortez Editora. 2010). Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP (1982), licenciado

em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPES, 2015).

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Plataforma Lattes-CNPq: http://lattes.cnpq.br/3749636915642_474

Página em Academia.edu: <https://usp-br.academia.edu/Maur%C3%ADcioWaldman>

Verbete Wikipédia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

³ Sinteticamente, as cartas consistem na representação dos dados naturais e artificiais da Terra, destinadas a fins práticos nas atividades humanas. No Brasil, o termo é usualmente empregado como sinônimo de mapa (*apud* OLIVEIRA, 1983: 86). Anote-se que a palavra *mappa*, que significa pano, tela ou bandeira sinalizadora no latim clássico, aparece para designar o *mappaemundi*, mapa do mundo, durante a Idade Média. A lógica impõe que *mappa mundi*, significando mapa do mundo, determina que *mundi* significa “mundo”, e portanto, *mappa* tem que ser “mapa”. Note-se que o termo grego era bem diferente: *pinax* (πίναξ), que no entanto, originou outra palavra de largo trânsito na cartografia antiga: *tabula*, tradução de *pinax* e que significa prancha ou tábua, suporte para textos, pinturas ou registros cartográficos. Seja como for, sublinhe-se que a palavra mapa insere, tanto significados relativos à informação, quanto os que revelam nexos com a escrita e a arte (VAN DER KROGT, 2015: 124-125).

⁴ O *axis mundi*, termo que transita em estudos de filosofia e das ciências sociais, pode ser traduzido como eixo cósmico, eixo do mundo, pilar mundo, centro do universo e outras expressões correlatas. Trata-se de conceituação aplicada a todas as situações em que as culturas ou civilizações elegem um ponto fixo como conexão entre o céu e a terra, desdobrando-se também como polo organizador da geografia terrestre e marco para determinar os pontos cardeais. Numa perspectiva cosmológica é um sítio onde o céu e a terra se encontram, sendo, portanto, uma passagem entre domínios superiores e inferiores do universo (Vide ELIADE, 1978).

⁵ Em grego, a palavra *omphalos* significa umbigo. Na tradição grega, coube a Zeus assinalar o centro, o umbigo do mundo, sendo Delfos, o sítio reconhecido com esta investidura no mundo helênico. Na literatura antropológica, a terminologia foi indexada como designando o pendor etnocêntrico de povos, culturas e civilizações, explicitado nos *axis mundi*.

⁶ No fruir histórico, *oikouménē* incorporou sentido de uma humanidade consorciada a um espaço progressivamente confundido com os limites do Planeta. A essa vertente vincula-se epifenomenicamente a palavra *ecúmeno*, corriqueira no jargão geográfico,

designando as territorialidades resultantes da ação antropogênica.

⁷ Por definição, planisfério corresponde a toda metodologia cartográfica preocupada em transferir a imagem esférica da Terra para um plano bidimensional, isto é, um mapa.

⁸ Contudo atente-se que a ideologização da Projeção de Mercator configurou uma empreitada alheia aos objetivos do autor. O Mapa de Mercator, com coordenadas e ângulos retos, *é uma carta náutica*, sendo o objetivo deste planisfério simplesmente impedir que os navegantes se perdessem no alto-mar, função que cumpriu a contento durante séculos (*passim* SEEMANN, 2003).

CONHEÇA A SÉRIE CARTOGRAFIA



SAIBA MAIS: <http://mwtextos.com.br/serie-cartografia/>

A young woman with long, wavy brown hair, wearing a black leather jacket and a black turtleneck, is looking down at her smartphone. The background is blurred, showing what appears to be a public space with other people and structures.

EDITORA KOTEV

Sintonizada com
o Futuro Digital



EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

SAIBA MAIS SOBRE A EDITORA KOTEV. ACESSE NOSSA PÁGINA: <http://kotev.com.br/>